

AMOROSA SOLEDAD. PSICANÁLISE E OUTRAS VIAS SOLIDÁRIAS PARA UM LUTO

Valeria Mian¹

¹ Licenciatura em Psicologia. Psicanalista. Membro ativo AEAPG. Membro da Comissão Científica e do grupo autogestionário “Encontro com a Psicanálise Contemporânea” da AEAPG. Docente de Mestrado e Especialização na AEAPG-UNLAM. Terapeuta da Equipe de Adolescentes e Jovens Adultos do Centro de Pesquisa e Orientação Comunitária “Dr. Arnaldo Rascovsky”. CABA. valeriamian@gmail.com

*Se alejó en su cuerpo,
me dejó en sus ropas.
Luchas sin calor,
sábana de sombra.
Se ausentó en su cuerpo.
Se quedó en sus ropas.*
(Miguel Hernández, 1958)

Resumo

Muitas vezes há dúvidas sobre a possibilidade de analisar durante ou a partir de um luto recente, vigente, atual ou iminente. A partir da consulta de Soledad, recentemente viúva, la autora descreve a função da análise em diferentes momentos desse luto tão particular. O texto gira em torno de uma questão central: qual é o trabalho de análise e qual é o trabalho de luto? Morte, ausência, dor, realidade, desejo, tempo, humor e sublimação são alguns dos conceitos que vão delinear possíveis respostas.

Palavras chaves

Dor – Luto – Humor – Psicanálise – Sublimação

Às vezes há um mito no ar que diz que os analistas lidam com lutos passados, aqueles que não são elaborados, congelados, constitutivos. Muitas vezes ainda há dúvidas sobre a possibilidade de analisar durante, ou a partir de, um luto recente, vigente, atual ou iminente. Agora, em que consiste o trabalho de análise e o que é o trabalho de luto? Para pensar sobre essas questões tomaremos um luto particular, a viuvez, um luto que é especialmente doloroso quando alguém que morreu em um casal foi muito amado e o enlutado foi muito amado por sua vez. O corpo desejado não está mais lá. Aquele corpo que abrigou, protegeu, erotizou não está lá. Como registrar essa ausência?

Diante da morte de alguém tão amado fica muito claro quem se perde, mas o caminho que se inicia é elaborar o que se perde. Se o luto é um trabalho, a psicanálise encontrou um verbo específico e introduziu o enlutar para dar-lhe especificidade, e o enlutado tornou-se o sujeito desse verbo. Em *Nuestra actitud hacia la muerte* (1915, p.291), Freud retrata “nosso desastre total quando morre uma das pessoas que estão perto de nós”, e acrescenta: “Nós enterramos com ele nossas esperanças, nossas demandas, nossas alegrias; não nos deixamos consolar e recusamos substituir aquele que perdemos” (traducción de la autora). Como se desprender desse outro significativo? Diante de um evento tão contundente, quando outros duelos começam a acontecer? Quando começa o trabalho de análise?

Soledad vem à consulta após a morte do marido em busca de respostas de como sobreviver a essa perda, o que fazer com essa dor, qual parte de seu ser foi com ele. É possível falar em análise quando alguém consulta porque está começando um luto? O impacto de perder um objeto insubstituível é seguido por um mergulho na dor. Então surge a necessidade de antecipar o fim do duelo e aí as fantasias começam a moldar aquele futuro que ainda não chegou. A substituição do insubstituível é possível? A que Freud (1917) se refere quando menciona “a capacidade de escolher algum novo objeto de amor” (p.242) e “um afastamento da libido desse objeto e seu deslocamento para um novo” (p.246)? Como processar quando o ritmo que se instala é ausência - ausência - ausência - ausência - etc.?

Vida contra a morte

Chega Soledad, 57 anos, viúva há 4 meses. Seu marido Ángel, apenas dois anos mais velho, morreu abruptamente de um ataque cardíaco fulminante no trabalho. “Eu não tinha na cabeça dizer adeus a ele, muito menos perdê-lo para sempre”. A ausência no momento da morte dá forma a uma culpa infalível: “Fico imaginando se ele deve ter se sentido sozinho, abandonado”. A impossibilidade de elaboração antecipada da perda, como no caso de uma doença prolongada, aumenta a descrença e a confusão. “Eu venho porque tenho que aprender a viver... de outra maneira”. Vários segundos se passaram nestas elipses, o caminho começou a ser traçado. Onde está localizada a psicanálise? Apenas nestes segundos podemos pensar que encontra um lugar.

O fato da morte (de Ángel) é (era) inevitável. Em *Duelo y melancolía* Freud (1917, p.241) define: “O luto é, via de regra, a reação à perda de uma pessoa amada ou a uma abstração que toma seu lugar”. Como reação, é resistência e relutância; é transformação, metamorfose e mudança; é resposta e rejeição; retirada e movimentação; é recuperação. É um estado e um processo.

É um estado, porque o enlutado está imerso numa enorme tristeza, o interesse pelo mundo é reduzido à sua mínima expressão e a dor torna-se difícil de suportar. Um estado de choque, desamparo, letargia, desespero.

Ao mesmo tempo, é um processo na medida em que é um trabalho gradual realizado pelo sofredor, lenta e dolorosamente, durante o progressivo desprendimento libidinal do objeto. Um objeto que não é um objeto qualquer. A expressão de Freud “No luto, o mundo tornou-se pobre e vazio” (1917, p. 243) dá conta da importância que o reveste, se não está mais no mundo, o mundo inteiro fica vazio e empobrecido. Ainda que no enlutar se desvincule do objeto mas, ao mesmo tempo, o preserve. Ou seja, é um processo cujo itinerário implica certa despesa, implica mudanças e seus desfechos são diversos e até imprevistos. Mas, além disso, o luto é um processo, como tal dinâmico e multidimensional, atravessado também pela cultura em que o enlutado está imerso.

Crenças, comportamentos, atitudes próprias e alheias, rituais, tradições. A cultura oferece uma moldura para o luto do enlutado, uma espécie de legitimação da dor e do afastamento. Pois quando dizemos que o luto é um processo normal, não estamos sugerindo que ele não traga perturbações, mais ou menos graves.

A dor não tem rival

Soledad passa por uma experiência inaugural de dor, “nem tinha acontecido comigo com a morte de meu pai”. O casal está perdido, o par, objeto amado por escolha, destinatário de grande quantidade de investidura libidinal. Um projeto de vida é truncado. Até a continuidade da própria vida parece estar por um fio muito finito. Dor da perda, dor de reconhecer ou aceitar a perda, dor de deixar ir o que está perdido. Dor insuportável. Porque a dor da perda é diretamente proporcional ao amor pelo objeto.

O choro inconsolável é descarga, é um chamado (para ter Ángel de volta) e também a materialização da dor. “Sinto a dor no meu corpo”, diz Soledad. A ausência dói, dói não ter contato com o corpo. “Não consigo conter tanta dor na cabeça”, acrescenta. A ausência é percebida, ainda não registrada. Aparecem as sensações de que Ángel está presente. Fenômeno ilusório analgésico para dor, fantasia que traz alguma satisfação para se contrapor. Quando a dor é sentida no corpo, pode começar a mentalizar, a significar o sofrimento pela perda. A ponte psique-soma é o primeiro passo para a redução da dor. Nas palavras de Nasio (2007, p.14/5): “Sabemos que o estado de extrema dor pelo qual passa o enlutado (...) é o último muro contra a loucura. Sabemos que no registro dos sentimentos humanos, a dor psíquica é, de fato, o último afeto, a última tensão de um eu desesperado que se contrai para não afundar no nada”. Consolo – cujas raízes nos falam de alívio na união ou cooperação □ e trabalho de análise são agora claramente indissolúveis para nós.

Surgem medos em Soledad de que algo aconteça com seu filho, a irracionalidade da perda inunda tudo que se possa imaginar. Os estímulos invadem e não podem ser processados, tudo é perigoso porque é excessivo. A dor e o trauma parecem se enredar nesses momentos. A ausência é vivenciada como traição, “ele me deixou sozinha”. Raiva e culpa, sua contraparte. O fim do duelo é um horizonte cada vez mais inatingível.

Em uma carta sincera e honesta a Binswanger, Freud escreve em 1929: “Sabemos que a dor aguda que sentimos após tal perda seguirá seu curso, mas também que permaneceremos inconsoláveis e nunca encontraremos um substituto. Não importa o que venha a ocupar seu lugar, mesmo que preencha esse lugar completamente, ainda é outra coisa. E é assim que deve ser. É a única maneira de perpetuar um amor que não queremos abandonar” (1971, p.60). A dor é o preço que deve ser pago para não perder o amor sentido e recebido, compartilhado. Essa dor é testemunho da existência daquele ente querido que deixou uma marca e também de um lugar irrecuperável que se perdeu. Se essa dor for eliminada, o rastro desse amor será apagado com ela.

A disputa entre realidade e desejo

A morte de um ente querido é um dos lutos mais difíceis de se lidar, pois o objeto dava algo em troca, além de ser um depositário de libido e muito mais. A morte se converte em perda e a perda se transforma em luto a partir da dimensão subjetiva daquele que fica (fantasias, ambivalências, movimentos pulsionais, ideais, etc.). Realidade e desejo entram em conflito. O mundo fica vazio, à espera (que parece infinita) por alguém que não vai voltar. Mas o registro da incompletude vem depois, agora apenas vazio. Freud (1917, p.242) fala de duas inibições durante o luto: a capacidade de trabalhar e a capacidade de amar. Não podemos ignorar o fato de que essas são as mesmas capacidades que, em outros textos, ele vincula à cura e à saúde.

O que é certo e o que é errado sentir, fazer, dizer? O impacto gera confusão e impõe a necessidade de diferenciar um do outro. O trabalho de análise não visa qualificar, mas esclarecer, organizar. Tal perda, em primeiro lugar, é vivenciada como uma afronta narcísica. Não há palavras mais precisas do que aquelas escritas por Freud ao genro após a morte de Sophie: “não é possível culpar ninguém ou fazer muito barulho, mas apenas abaixar a cabeça e receber o golpe como os pobres e indefesos seres que somos” (Freud, 2012, p.518). Desamparo que exige, como nos primeiros tempos subjetivos, um outro para atender, decodificar e vitalizar.

Soledad insiste várias vezes: “Sempre pensei que ia morrer primeiro”. Sua asma parecia assegurar-lhe aquele presságio. Uma mãe sem amor e a morte prematura do pai foram adicionados à equação. “Com o Ángel aprendi a falar”, diz ela, perplexa. Então, procurou um espaço para conversar. O exercício de descentramento narcísico é gradual, como analistas acompanhamos cautelosamente esse ritmo lento de luto e apresentamos sutilmente o mundo até que ele comece, novamente, a se preencher mansamente.

Para Soledad, a realidade começa a se fazer presente a partir da incerteza econômica. Ela colaborou nos negócios da família, mas o apoio de Ángel foi essencial. Seu filho de 26 anos mora com o casal, mas ainda precisa de ajuda. Por um lado, ela é assombrada pelo medo (e tentação) de que algo aconteça com ela e, por outro, pela responsabilidade pelo filho “porque é o que o Ángel teria querido”. Desejos e mandatos embaralhados diante de uma realidade inevitável.

Começar a organizar a casa, as coisas, a vida, as ideias, os sentimentos, a dor e a tristeza são os pequenos primeiros passos que permitem ao sujeito se ajustar à nova realidade. “Quero sentir seu cheiro”, suplicou Soledad. E se há um espaço onde a sensorialidade está ao alcance da mão (e dos outros sentidos), é o palco dos sonhos. Sonhar que ela o toca, o cheira, o saboreia, o ouve, o observa olhando para ela. “Despertar é retornar à morte”. À realidade da morte, à linguagem da morte, à ausência da morte. Sonha com Ángel vivo, tocando-a, conversando com ela. Cenário de satisfação do desejo mais imediato e urgente, dando-lhe vida.

O passado luta com o futuro, o presente é refém

A necessidade de saber quando o luto vai acabar, de pensar em um prazo, uma data, é uma tentativa de enquadrar, antecipar, saber que a dor vai parar. É tentar retomar um modo de vida habitual. Assumir o controle da própria vida parece ser um objetivo cada vez mais distante. Elaboração, historicização, ligação, rede associativa. Soledad se encontra em um novo papel com seu filho, ela deve construí-lo sendo uma mãe com mais responsabilidades, “estou sozinha para tomar todas as decisões, não posso confiar em ninguém, Ángel era tudo para mim”. Adaptação à nova realidade, reviver outros lutos, rearranjo de representações, vinculação a outros objetos, transição entre o que foi e o que será sem o que se perdeu.

Vários fatores influenciam a possibilidade de luto: as características do objeto perdido e do sujeito (antes da perda), a relação entre os dois (aquele intangível impossível de preservar para quem fica e levar aquele que parte), a circunstâncias da perda, a contenção do meio ambiente. O ser amado tem dupla existência: é aquela pessoa que está ao seu lado, cuidando, acariciando; e é seu retrato na retina, a evocação de seu perfume, a textura do contato com sua pele, o desejo que impulsiona. O primeiro se foi, o que fazer com o segundo? É hora de começar a desatar, desligar, desenlaçar.

Humor e sublimação, aliados da psicanálise

Até agora, o que o espaço analítico ofereceu a Soledad? Um lugar para conversar, alguém que a espere, que a escute. Um espaço para descarga, para lágrimas e palavras. Um olhar para o mundo com cautela e no seu próprio ritmo. Compreensão e consolo, historização e ligadura. Trabalho de elaboração. Duas vias adjacentes vieram juntar-se à tarefa. Rir, como chorar, é descarga e é chamado. O humor é um meio para o esquecimento ou a tolerância. Torna o doloroso e o triste suportável. Como diz Freud (1927, p.158): “O ego se recusa a sentir as afrontas que a realidade lhe causa; se recusa a ser constrangido ao sofrimento”. Um dia Soledad conta que, em casa, no meio da tarde, passou diante de um espelho e teve vontade de rir quando se viu vestida com as roupas de Ángel, “me faz rir, vi uma pobre mulher desenganada”. Enquanto conta, ela é tentada novamente, uma risada que eu não conhecia começou a explodir. Surpresa, ouço-me parafraseando “se há humor, há esperança”, com ainda mais surpresa ouço Soledad dizer “é verdade”. Contracara do sinistro, um duplo não tanático a liga à vida. Depois do riso, surgem palavras que começam a beirar a dor. Depois, choro. Descarga e chamado. Palavras. Transformar um fato ou uma emoção em outra coisa que cause uma sensação mais prazerosa, brincar. Dê a si mesmo permissão para se afastar temporariamente da tristeza. “Nós rimos da nossa decepção. Rimos do nosso desejo de ser e do nosso desamparo” (Lippi, 2017, p.147). Encontramos no humor uma nova linguagem para dizer o indizível.

Fazia vários meses que Soledad havia se reconectado com o que tinha sido, até então, seu hobby. Erraticamente pintava em noites sem dormir. “Antes da morte de Ángel, eu pintava durante o dia. Agora são apenas traços, nada tem forma”. A sublimação é definida por Freud (1923, p.251) como o processo psíquico no qual “(...) objeto e meta sofrem uma mudança de via, de modo que a pulsão originariamente sexual encontra sua satisfação em uma operação que já não é mais sexual, mas que recebe uma valorização social ou ética superior”. Satisfação e vínculo com o mundo.

Em *El creador literario y el fantaseo* Freud (1907) nos diz que a arte é uma continuação da brincadeira infantil, em ambos se utilizam grandes quantidades de afetos, se busca recriar desejos na realidade, em objetos que podem ser vistos e tocados. Um retorno da interioridade da fantasia à realidade. Em meio ao luto, Soledad começa a despejar em sua pintura algo da pulsão que investiu o objeto perdido. Transmissão, transição, conexão, compreensão.

Como a arte intervém na subjetivação do trabalho de luto? Soledad diz que não podia mais usar a cor, até que um dia a cor apareceu, “eu estava dominada por um vermelho que quebrou tudo”. Vermelho, sangue, ataque cardíaco, tudo quebrado. A arte possibilita representar e simbolizar esse colapso da realidade, além de ressignificar o que foi perdido e fazer algo diferente com o sofrimento. Colocar sentimentos em uma ação e em um produto, para que cause algo, um impacto no outro. A arte é ligadura, ligação, laço.

“A essência do riso é fundamentalmente indecifrável, assim como a poesia. A técnica do chiste é semelhante ao processo de sublimação, pois, em ambos os casos, a descarga de energia é liberada de qualquer investimento específico: não há meta sexual, nem meta de objeto (Lippi, 2017, p.140).

Se o luto afeta a psique do sujeito, o trabalho de análise permite desvendar os significados mais profundos que o objeto perdido tem para cada *duelante*. Cada luto é singular, portanto, a partir da psicanálise, é possível pensar o que essa perda particular significa nessa história pessoal e quais coisas podem dificultar sua elaboração. Eliminando fantasias e mandatos inconscientes, o processamento é possível. Soledad veio para ser acompanhada, veio para conversar e para que alguém ouvisse sua dor, para entender o que estava acontecendo com ela, para recuperar a energia e o interesse perdidos, porque tinha medo de que algo lhe acontecesse (medo de adoecer). E ao se reconectar com o humor e a arte, descobriu que também vinha pelo desejo de recuperar sua vida. Dar um novo lugar ao objeto e recompor sua nova realidade (sem o objeto que perdeu). Um novo destino para (a memória de) Ángel.

Diz Soledad: “Antes a dor era dilacerante, agora são apenas momentos, e passa”. Um duelo normal, requer tratamento psicanalítico? Não, mas a análise é uma forma que facilita a elaboração. E outras elaborações se tornam possíveis e um processo tão doloroso é desobstruir um processo tão doloroso. Parte da tarefa é transformar a história compartilhada em algo próprio e encontrar coisas novas. Revisar as contas pendentes, o que não foi dito não será mais discutido e deve ser acertado com a memória e no exercício do “ele me contaria” ou “eu contaria a ele”. Há coisas que não vão mais acontecer, lugares que não serão substituídos, palavras que não serão ditas, há algo que não será mais. Muitos meses, alguns anos se passaram. E um dia o dia chegou. O dia em que não sabíamos se ia chegar, mas chegou. Soledad entrou de um jeito diferente, ela me olhou diferente e me disse com uma cor diferente na voz: “Eu conheci alguém”. E naquele dia começou mais um capítulo dessa história.

Referências bibliográficas

- Freud, S. (1993). El creador literario y el fantaseo. Em J. L. Etcheverry (Trad.), *Obras Completas: Sigmund Freud* (Vol. 9, pp. 127-135) Buenos Aires: Amorrortu (Obra original publicada em 1908 [1907]).
- Freud, S. (1993). Duelo y Melancolía. Em J. L. Etcheverry (Trad.), *Obras Completas: Sigmund Freud* (vol. 14 pp.241-255) Buenos Aires: Amorrortu (Obra original publicada em 1917 [1915]).
- Freud, S. (1993). De guerra y muerte. Temas de actualidad. Em J. L. Etcheverry (Trad.), *Collected Works: Sigmund Freud* (vol. 14 pp.277-303). Buenos Aires: Amorrortu (Obra original publicada em 1915)
- Freud, S. (1993). Dos artículos de enciclopedia: “Psicoanálisis” y “Teoría de la libido”. Em J. L. Etcheverry (Trad.), *Collected Works: Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 231-254). Buenos Aires: Amorrortu (Obra original publicada (1923 [1922])).
- Freud, S. (1996). El humor. Em J. L. Etcheverry (Trad.), *Collected Works: Sigmund Freud* (Vol. 21, pp. 157-162). Buenos Aires: Amorrortu (Obra original publicada em 1927).
- Freud, S. (1971). “Carta a Ludwig Binswanger”. Em *Epistolario II* (1891-1939). Barcelona: Plaza & Janes.
- Freud, S. (2012). *Cartas a sus hijos*. Buenos Aires: Paidós.
- Lippi, S. (2017). “Metafísica de la risa: Freud, Lacan, Bataille”. *Desde el Jardín de Freud*, N° 17, pp.137-148.
- Násio, D. (2007). *El dolor de amar*. Barcelona: Gedisa.